



---

## LITERATURA DA AMAZÔNIA, TENSÕES ENTRE O NACIONAL E O TRANSNACIONAL

**Josiclei de Souza Santos**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: josicleisouza@yahoo.com.br

**RESUMO:** Este artigo se inscreve no campo dos estudos comparativos, e surgiu de reflexões feitas sobre o lugar da Amazônia no sistema literário brasileiro, quando se percebeu a construção de um discurso da tradição crítica literária brasileira que apresenta a produção vinculada ao universo amazônico como regionalista em relação a um cânone literário nacional. A partir de tal percepção, este trabalho se propõe a refletir sobre uma possível e necessária revisão sobre a relação entre a Amazônia e a Literatura brasileira. Como procedimento, este trabalho busca questionar a História da Literatura enquanto continuidade ou estrutura fixa, aplicando uma perspectiva que observa descontinuidades e jogos de diferenças, para se perceber a História não como uma reconstituição de uma verdade de origem única ou como um desenvolvimento contínuo, mas como uma forma de elaboração narrativa e organização de descontinuidades.

**Palavras-chave:** Literatura. Amazônia. Região.

### *AMAZONIAN LITERATURE, TENSIONS BETWEEN THE NATIONAL AND THE TRANSNATIONAL BEYOND BRAZILIAN REGIONALISM*

**ABSTRACT:** This paper is part of the field of comparative studies, it has arisen from reflections made about the place of the Amazon in the Brazilian literary system, when it was noticed the construction of a discourse of the Brazilian literary critical tradition presenting the production linked to the Amazon universe as regionalist in relation to a national literary canon. From this perception, based on a section of the review of the historiography of national Literature, this work proposes to reflect on a possible and necessary review on the relationship between the Amazon and Brazilian Literature. As a procedure, this work seeks to question the History of Literature as a continuity or fixed structure, applying a perspective that observes discontinuities and games of differences, perceiving History not as a reconstitution of a single origin truth or as a continuous development, but as a form of narrative elaboration and organization of discontinuities.

**Keywords:** Literature. Amazon. Region.

### A AMAZÔNIA E A HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA

Em *Depois do fim: Ainda história de Literatura Nacional?*, o pesquisador Luís Bueno (2012) coloca em xeque o projeto nacional de historiografia literária, trazendo à tona o questionamento sobre um possível esgotamento desse projeto. Para o autor, o esgotamento do

antigo modelo, que buscava uma representação ou síntese de nação, aconteceu por vivermos hoje uma realidade em que são perceptíveis a fragmentação, as fraturas e os conflitos identitários, que rasuram os discursos unificadores de nacionalidade.

Alicerçado em Auerbach, Bueno propõe que os pesquisadores façam recortes de acordo com determinadas leituras, que colocariam a historiografia literária em movimento, trazendo para a cena dos estudos literários outras leituras, e forçando dinâmicas relacionais com o que estaria fora de tal recorte, um complexo procedimento que levaria a outras buscas (BUENO, 2012, p. 214). Esse procedimento de estudo historiográfico literário relacional e não fechado se aproxima do método arqueológico foucaultiano que duvida de sistemas fechados. Assim, a percepção das descontinuidades como parte da história literária nos dá a possibilidade de outros olhares e de outras conexões ligadas ao universo amazônico em relação com a Literatura.

Colocar em xeque essa noção totalizante de história significa o abalo da estabilidade, da coerência e do que conhecemos como história literária contínua. No entanto, não se trata de abandonar de todo as relações entre a Literatura que tem como foco a Amazônia e a Literatura brasileira. O que se abandona, além de uma relação exclusiva, é uma implícita e centralizante hierarquia de poder que muitas vezes se oculta por trás de um discurso que se propõe exclusivamente estético no sistema literário nacional.

O questionamento à referida noção implica afastar-se da tradição enquanto um passado estático que orienta o presente. Borges foi um escritor e crítico que percebeu os limites e a improdutividade dessa antiga perspectiva de tradição em Literatura. Seu projeto de revisão e releitura da tradição literária foi exposto em seu conto *Pierre Menard, autor de Quixote*.

No conto acima referido, a técnica de leitura anacrônica ficticiamente criada pela personagem borgeana, que nomeia parte do título da narrativa, quebraria com as estagnadas relações de fonte e influência, trazendo novas leituras e relações entre diversas obras de diferentes campos de conhecimento. Um exemplo do que se afirma está em que, numa determinada passagem do texto, há a sugestão de que o *Quixote* tenha ressonâncias de Nietzsche (BORGES, 2007, p. 42), o que numa leitura diacrônica seria impossível. Em seu lugar, adota-se, portanto, uma perspectiva borgeana, percebendo-se que é no presente que o passado ou os passados são reconstruídos constantemente, fazendo surgir precursores (BORGES, 1968, p. 191). Assim, o que se busca é problematizar, mostrando quão complexa seria a percepção de uma Literatura que tematiza e/ou se constrói a partir da Amazônia.

## 1 INTELLECTUAIS PENSAM A LITERATURA NA AMAZÔNIA

Já não é novo o debate sobre o regionalismo no meio literário brasileiro. A ele se ligam reflexões sobre o chamado “Brasil profundo”, tendo em Euclides da Cunha um de seus defensores. Mais adiante, voltar-se-á a esse importante intelectual da nacionalidade brasileira, que percebeu o problema da relação entre Brasil e Amazônia, e que, não por acaso, empreendeu uma viagem as até então incertas fronteiras brasileiras amazônicas. Por ora, veja-se introdutoriamente como a intelectualidade de um dos estados brasileiros amazônicos, o Pará, buscou pensar a produção literária relacionada à região amazônica.

Um texto que despertou a reflexão resultante neste trabalho foi o artigo *Literatura brasileira de expressão amazônica, Literatura da Amazônia ou Literatura amazônica* (2004), do crítico, pesquisador e professor José Guilherme Fernandes, que procura refletir a partir de questionamentos surgidos entre dois críticos, professores e escritores intelectuais paraenses, Paulo Nunes e Edilson Pantoja<sup>1</sup>.

Apesar de terem se passado dezessete anos desde a publicação do artigo de Fernandes, o debate ainda é atual, o que, como já afirmado, fez com que surgisse esta reflexão como forma de contribuição para se pensar a questão sobre a qual se debruçam diferentes intelectuais amazônicos e de outros lugares.

O título do artigo de Fernandes já traz em si o problema que busca solucionar: a denominação a ser utilizada sobre a Literatura relacionada à Amazônia. Sobre a questão, dois elementos importantes são colocados pelo pesquisador paraense: o primeiro é que o reconhecimento das obras literárias passa pelo critério estético, e o outro diz respeito à espacialidade. Segundo Fernandes, Nunes busca escapar de um critério exclusivamente geográfico para propor um de viés estético, que ao mesmo tempo filie a produção amazônica a uma tradição brasileira de Literatura, daí a denominação proposta por este, *Literatura brasileira de expressão amazônica*. Esta solução encontrada por Nunes lembra a denominação *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, utilizada para a designar as literaturas de diferentes países africanos que têm em comum a lusofonia. Mas na aplicação africana do termo “expressão” o que se tem são diferentes unidades territoriais, marcadas pela identidade linguística em suas unidades federativas. Assim, no caso africano, “expressão” se

---

<sup>1</sup> Os dois textos referido pelo professor José Guilherme Fernandes são respectivamente *Literatura paraense existe?*, publicado por Paulo Nunes, publicado em <http://www.portaldaamazonia.org.br>, e *Não existe uma literatura paraense?!*, publicado por Edilson Pantoja em <http://www.dalcidiana.blogspot.com.br>

liga à língua portuguesa, que aproxima diferentes países, ou seja, ao aspecto linguístico. No caso amazônico, o termo “expressão” se desloca do aspecto linguístico para os aspectos geoculturais, já que seria apenas uma região de uma unidade federativa maior falante de língua portuguesa.

Se no caso das literaturas africanas de expressão portuguesa o efeito é aproximar por meio da língua diferentes países africanos, no caso amazônico o efeito que a expressão *Literatura brasileira de expressão amazônica* parece sugerir é o de que a Amazônia seria uma região geocultural do Brasil. O problema é que o aspecto geocultural amazônico em relação às fronteiras brasileiras tem conformações complexas, com destaque para questões de fronteira em diferentes momentos da história recente do país.

A sugestão de que a Amazônia é uma região do Brasil está na origem daquele olhar que percebe a Literatura feita na Amazônia brasileira como regionalista. Mas dois problemas se apresentam para esse enquadramento. O primeiro é que o território amazônico como tema geocultural de obras artísticas transcende o próprio limite da Amazônia no que diz respeito a autores. O problema referido se liga à questão apresentada no recorte feito por Fernandes, e que traz dificuldades para a proposição de Nunes: trata-se do fato de haver um autor de língua portuguesa não-brasileiro que escreveu sobre a Amazônia, Ferreira de Castro, autor português da célebre obra *A selva* (1930). Essa foi, inclusive, a obra que mais lhe deu projeção internacional.

Na perspectiva do aspecto geocultural, o questionamento de Fernandes abre uma senda que pode ser um pouco mais esgarçada, pois *A selva* não é a única obra ligada à Amazônia escrita por um autor de fora das nações em que se insere o bioma. Esta questão se liga ao problema de a Amazônia ser transnacional. Assim, há autores de diferentes nacionalidades que escreveram sobre o tema amazônico, como os de língua espanhola. Pode-se citar o peruano Vargas Llosa e o recém-falecido Luís Sepúlveda, autor chileno, para ficar em dois exemplos, tendo o último como origem um país situado fora do bioma amazônico.

Essas fronteiras que amarram um centro da Literatura brasileira aos chamados “Brasis profundos”, fora desse centro, vêm sendo questionadas, sendo percebidas nessa regionalização do cânone nacional sobre o qual se instituiu o sistema literário implicações geográficas de poder (FIGUEIREDO, 2001, p. 191-192), em que a região sudeste parece centralizar e muitas vezes dirigir e ordenar o cânone nacional. Assim, o que parece apenas um

debate em torno da questão estética das obras, tem relações de poder não confessadas (REIS, 1992, p. 05).

A Amazônia representa um problema não apenas para o sistema da Literatura brasileira. Ela se insere em diferentes sistemas literários nacionais, mas também os transcende, extrapolando os próprios sistemas literários dos seus países, a exemplo dos citados autores português e chileno, que, em termos de não serem amazônidas, foram precedidos pelo escritor francês Julio Verne, autor de *A jangada* em 1881, em que é descrita uma viagem de oitocentas léguas no rio Amazonas, em uma espécie de fazenda flutuante, de Iquitos, na Amazônia peruana, até Belém, no Brasil. Apesar de haver uma Amazônia francófona, representada pela Guiana, o que chama a atenção sobre a criação de Verne é o fato de ele, diferentemente de Ferreira de Castro, nunca ter vindo ao bioma. Tal problema foi suprido pela leitura que o autor fez de diferentes viajantes de diversas nacionalidades europeias que estiveram na Amazônia, com destaque para os naturalistas. Interessa neste trabalho elucidar um pouco mais este problema de nacionalidade e escrita, para mostrar o equívoco da regionalização amazônica em relação ao Brasil.

A abordagem da Amazônia pelo ponto de vista geográfico nos dá uma perspectiva geocultural sobre os territórios amazônicos. A referida perspectiva se liga a construções discursivas sobre o bioma criadas ao longo de mais de cinco séculos. Atentar para esse entrelaçamento é importante para se entender o problema de interpretar uma Literatura da ou sobre a Amazônia como região de uma Literatura brasileira, pois, se por um lado os processos identificatórios entre as comunidades amazônicas podem borrar as fronteiras nacionais, por outro, as representações sobre a essa macrorregião, em arte, extrapolam os próprios limites dos países que a integram.

Uma outra questão apresentada no artigo de Fernandes é a questão do modo em que se dá o recorte para o enquadramento da locução adjetiva “da Amazônia:

a questão da autoria pouco importa em face do modo como a narrativa é construída, isto é, pouco importa a certidão de nascimento do autor porque sua ascendência, seu lugar de enunciação, se objetiva no modo de sua narração, de construir sua relação entre o local e o universal, de montar cenários e paisagens na narrativa (FERNANDES, 2004, p. 115).

O movimento de deslocamento da atenção da autoria para a obra proposto por Fernandes serviria para superar uma dificuldade em situar autores como sendo de expressão

amazônica, pois se o termo “expressão” diz respeito aos aspectos geo-culturais presentes nas obras literárias, há autores que não tem a totalidade de suas obras orientada para a Amazônia, a exemplo do próprio Ferreira de Castro em língua portuguesa e, em língua espanhola, o já citado Luiz Sepúlveda.

Ao justificar na adoção da expressão Literatura da Amazônia o uso da preposição em lugar do adjetivo “amazônica” como forma de escapar a possíveis essencialismos, o articulista mostra que a Amazônia aparece como “origem e causa”, ou seja, se parte do imaginário e da vivência como matéria para um processo criativo que busca chegar a uma fatura estética (FERNANDES, 2004, p. 115). Nesse sentido, a adoção por parte de Fernandes do conceito de identificação, em lugar de identidade (FERNANDES, 2004, p. 114) é bastante produtivo, pois escapa à estabilidade de resultados estáticos e essencialismos que negam a própria dinâmica da cultura, dando conta assim dos complexos processos culturais na Amazônia. Assim, passa-se para uma preocupação com os discursos presentes nas obras. Um teórico que também propôs a substituição do termo identidade por identificação foi Stuart Hall. O teórico alertava para o caráter sempre provisório dos processos identificatórios. Essa nova perspectiva busca superar uma representação da identidade como um fenômeno estável e alicerçado em uma essencialidade (HALL, 1997, p. 39). Assim, os fenômenos identitários estariam sempre inseridos nos jogos das diferenças, em que diferentes signos culturais se relacionam e recriam. Esse olhar diferencial sobre a cultura, para além da essencialidade ou homogeneidade, servirá mais adiante para a leitura de determinadas obras literárias contemporâneas que tematizam os espaços amazônicos.

## **2 LITERATURA DA AMAZÔNIA: UMA QUESTÃO TRANSNACIONAL**

Do ponto de vista geográfico, o espaço amazônico é um gigantesco bioma transnacional, conformado por metade do território brasileiro, estendendo-se por Guiana, Guiana francesa, Suriname, além de parte da Bolívia, Colômbia, Equador e Venezuela. Desse modo, se por um lado não há problema em se pensar as regiões Nordeste e Sudeste como regiões brasileiras, isso não se dá com a Amazônia. No entanto, apesar de muitas vezes tratar-se de um ambiente comum, existem nele povos com diferentes costumes e

línguas, reunidos em torno elemento água<sup>2</sup>. Mesmo na Amazônia brasileira, são tantas as diferentes realidades que seria preciso se falar de Amazônias, em lugar do uso no singular.

Esse aspecto sociocultural está estreitamente ligado ao problema dos complexos discursivos que ajudaram a criar os imaginários sobre a região amazônica, segundo Gondim (1994, p. 77).

Esses imaginários e os processos histórico-sociais que criaram as representações amazônicas também se apresentam em outras línguas, como, por exemplo, o primeiro relato sobre as mulheres guerreiras, descrito como acontecido em um perímetro do Amazonas hoje correspondente ao oeste paraense, e que influenciaria mais tarde no nome dado à região pela associação com o mito grego das amazonas: as crônicas do frei espanhol Gaspar de Carvajal, *Descubrimiento del Río de las Amazonas* (1541-1542).

Se o primeiro texto escrito que daria informações sobre o contato dos portugueses com as terras mais tarde chamadas de Brasil seria a *Carta do achamento*, de Caminha, documento português incorporado à narrativa de invenção da Literatura brasileira; para uma aproximação com as primeiras formações discursivas sobre a Amazônia, é necessário pesquisar documentos em espanhol, como o texto do já referido Carvajal (1542), e os de Alonso de Rojas (1639) e Christóbal de Acuña (1641), que acompanharam Pedro Teixeira, o primeiro na ida de Belém a Iquitos, e o segundo, no retorno daquela cidade peruana a Belém.

Portanto, se um primeiro recorte consistiria em basear a reflexão sobre uma Literatura da Amazônia, como propõe Fernandes, para além do Brasil, um segundo poderia consistir no gesto de se transcender a língua portuguesa, pois se as línguas se relacionam a diferenças culturais, o universo amazônico também se encarregou de contrabalançar essas diferenças nacionais modernas, a partir de elementos identificadores comuns.

De volta ao problema da filiação da produção literária da Amazônia exclusivamente à Literatura brasileira, Fernandes mostra que, naquilo por ele denominado de Literatura da Amazônia, figura um texto português, *A selva* (1930), de Ferreira de Castro. O exemplo, como já afirmado, mostra a inviabilidade do enquadramento da Literatura da Amazônia na brasileira, mas a essa questão da nacionalidade junta-se outra, que é um universo geo-cultural extremamente diverso e de caráter multilinguístico e multinacional. Um exemplo do problema

---

<sup>2</sup> Ana Pizarro propõe como especificidade dos discursos sobre a Amazônia a presença do fluvial (PIZARRO, 2012, p. 18). Essa proposição de ser o rio o elemento presente nos discursos de temática amazônica não dá conta da Amazônia atlântica, que vai da costa do Amapá, passando pela costa paraense, até metade da costa maranhense.

está nas obras dos dois autores já referidos, e que se passam no bioma amazônico, mas não em língua portuguesa. *Pantaleón y las visitadoras* (1973) se passa na Amazônia peruana, vizinha ao estado do Amazonas, escrita pelo ganhador do Nobel de Literatura, Mario Vargas Llosa. Nesta narrativa, o militar Pantaleón é designado pelo exército peruano para oferecer aos soldados que servem na floresta um serviço de prostitutas. Já a obra *Un viejo que leía novelas de amor*, do chileno Luís Sepúlveda, dedicado ao seringueiro e ambientalista brasileiro Chico Mendes, assassinado um ano antes, laureada com o prêmio espanhol de Oviedo, Tigre Juan, em 1989, se passa na Amazônia equatoriana. Nesta última, um senhor já idoso, que teve um convívio com indígenas, é chamado para frear o desejo de vingança de uma onça. Além dos dois exemplos acima, há muitos outros, de outras nacionalidades, o que se faz pensar na possibilidade da existência de uma Literatura transnacional amazônica de expressão espanhola.

Se deslocarmos a questão geo-cultural da Literatura escrita para a Literatura oral, a questão também se torna complexa, pois existem povos com tradições orais seculares, e que ocupam espaços de fronteiras nacionais, como a civilização Wajãpi, há mais de dois séculos instalada em uma grande área localizada entre o Brasil e a Guiana Francesa, dialogando com a língua dos dois países, mas mantendo a sua própria. Ainda no campo do universo indígena, com os movimentos sociais e institucionais de afirmação identitária, surge o fenômeno de autores bilíngues, que estão publicando obras literárias na língua de sua civilização e em português, sendo este, portanto, não o idioma original da obra, mas uma tradução, como é o caso da obra *Pyt mẽ Kaxêre: criação, história e resistência Kÿikatêjê*, de Ropre Kwykykre Kwykti Homprynti, que narra mitos da civilização Kÿikatêjê, no sudeste do Pará.

Há também ciclos econômicos comuns que aproximam realidades transnacionais na Amazônia, como o ciclo gomífero, que gerou o que ficou conhecido como *belle époque* amazônica, aproximando cidades como Iquitos e Manaus, principalmente após a abertura da bacia do Amazonas à navegação internacional a partir de 1867, cidades estas que não por acaso aparecem no referido romance amazônico de Vargas Llosa referido. São duas cidades amazônicas que, embora de países diferentes, conheceram o mesmo ciclo econômico e cultural. No livro de contos de Milton Hatoum, *A cidade Ilhada* (2009), percebe-se essa ligação da cidade de Manaus não apenas com a do Peru, mas com as da Colômbia, Guianas e Caribe, como no conto *Dançarinos na última noite*. Nesse conto, as personagens Porfíria, que aprendera a dança caribenha com uma amiga colombiana, e Miralvo, que se encantou vendo a que seria sua futura esposa dançar salsas cubanas nas festas em Manaus, desejam participar



dos bailes que acontecem no hotel em que trabalham, e onde se apresentam bandas colombianas e de Georgetown (HATOUM, 2009, p.115).

É também do ciclo econômico gomífero a obra inconclusa *Paraíso Perdido* (2009), de Euclides da Cunha, que mostra a questão do nacional enquanto uma fragilidade na Amazônia em relação ao Brasil. O autor de *Os sertões* se ofereceu ao Barão do Rio Branco para justamente ir ao alto Purus resolver problemas de fronteira com o Peru.

Os mesmos naturalistas europeus que influenciaram a escrita de Julio Verne, influenciaram o gesto de Cunha. Na obra póstuma euclidiana, o escritor mostrou que o rio que corta o bioma está para além da nacionalidade: “o rio que sobre todos desafia o nosso lirismo patriótico, é o menos brasileiro dos rios. É um estranho adversário, entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra” (CUNHA, 2009, p. 112). O autor justifica assim seu esforço em demarcar as imprecisas fronteiras brasileiras na Amazônia:

Sem este objetivo firme e permanente, aquela Amazônia onde se opera agora uma seleção natural de energias e diante da qual o espírito de Humboldt foi empolgado pela visão de um deslumbrante palco, *onde mais cedo ou mais tarde há de se concentrar a civilização do globo*, a Amazônia, mais cedo ou mais tarde, se destacará do Brasil, naturalmente e irresistivelmente, como se despega um mundo de uma nebulosa — pela expansão centrífuga do seu próprio movimento (CUNHA, 2009, p. 212).

Merece destaque o final da citação de Cunha, que mostra a Amazônia como um mundo complexo em torno de um grande rio que ultrapassa ou rasura as fronteiras da nação.

Essas questões de fronteira motivadas pela riqueza da borracha, e que preocuparam Euclides da Cunha, estão presentes também no romance *Galvez, imperador do Acre* (1977), de Márcio Souza, mas agora envolvendo brasileiros, bolivianos e até mesmo os Estados Unidos.

De Campos Ribeiro, cronista e poeta paraense, no final da sua crônica *Ginastas da valentia* (RIBEIRO, 2005, p. 52), também toca numa questão de litígio de fronteira na Amazônia brasileira, fazendo referência a Francisco Xavier da Veiga Cabral (1861-1905), apelidado de Cabralzinho, que foi transformado em herói após enfrentar no, à época, Cabo Norte, e hoje Amapá, as forças francesas que em 1895 tentaram se apoderar daquele território.

Os exemplos acima referidos servem para mostrar que o cálculo de língua, nacionalidade e literatura, na Amazônia não é uma operação tão simples. Sem querer suprimir os dois primeiros elementos do cálculo da literatura, o que se buscou foi apontar a para a

complexidade dessas relações no que diz respeito ao universo Amazônico. O processo complexo e agonístico de aproximação e distanciamento identificatório é o que será explorado no próximo tópico.

### **3 LITERATURA DA AMAZÔNIA: TENSÕES ENTRE O TRANSNACIONAL E O NACIONAL**

Na Literatura contemporânea produzida sobre a Amazônia, o seu caráter transnacional também é perceptível. É possível tomar como exemplo de transnacionalidade os problemas amazônicos comuns a diferentes países, como o desmatamento para o avanço do agronegócio, o garimpo e a mineração de um modo geral, e que tem em Serra Pelada um grande símbolo, além da rota amazônica do tráfico de mulheres, comum a diferentes localidades da Amazônia. Esses dois últimos problemas amazônicos estão presentes no penúltimo romance de Edyr Augusto, *Pssica* (2015).

O autor articula diferentes lugares: a capital do estado do Pará, Belém, mais Currálinho, Anajás, Afuá e Breves, no arquipélago do Marajó, também no estado do Pará. Ainda do lado brasileiro entram na narrativa Macapá e Oiapoque, no estado do Amapá, que compõem tanto a rota do garimpo ilegal quanto do tráfico de mulheres; e do lado da Guiana francesa, a área do rio Quary, mais um garimpo próximo ao povoado de Guatá, além de Régina e a capital Caiena, havendo a presença de muitas passagens, quando a narrativa se centraliza no território francês, em *créole guyanais*, que tem seu vocabulário extraído em grande parte da língua francesa em mistura com línguas africanas. A personagem marajoara Preá e a negra Thérèse, no garimpo francês, conversam numa “mistura de *creole* e português” (AUGUSTO, 2015, p. 76).

Ao se perceber a identificação como um processo sempre em andamento e transformação, é preciso atentar, como alerta Hall, para aquilo a incompletude e as contradições dos processos identificatórios.

A percepção do caráter provisório e agonístico de tais processos serve para nos fazer atentar para o fato de que, embora a Amazônia seja transnacional, isso não impede de haver conflitos de nacionalidades e de imagens que surgem a partir de representações que de alguma maneira se ligam às construções representacionais sobre estereótipos vinculados a cada nação.

Cunha sentira na pele essas tensões entre nações ao ter que lidar com os peruanos durante a demarcação da fronteira amazônica entre Peru e Brasil.

Outro exemplo desse tensionamento entre o transnacional e o nacional na Amazônia está na personagem do romance *Pantaleón y las visitadoras* (1973), de Llosa, Irmão Francisco, que faz sua pregação na Amazônia peruana e na de outros países, em diferentes línguas, sendo, portanto, um personagem transnacional, mas que, apesar disso, é visto como estrangeiro no Peru:

Es así que se habían posesionado de él unos seguidores del Hermano Francisco, sujeto de origen extranjero, fundador de una nueva religión y presunto hacedor de milagros, que recorre a pie y en balsa la Amazonía brasileña, colombiana, ecuatoriana y peruana, alzando cruces en las localidades por donde pasa, y haciéndose crucificar él mismo, para predicar en esta extravagante postura, sea en portugués, español o lenguas de chunchos (LLOSA, s/d, p. 15).

Na mesma obra, outro exemplo da complexidade dos processos identificatórios que envolvem o tensionamento entre a transnacionalidade amazônica e as nacionalidades, em se tratando de representação literária, pode ser percebido no que diz respeito à sexualidade. Na obra de Llosa tem-se inicialmente a reprodução de mitos discursivos no que diz respeito à suposta influência da selva na sexualidade das pessoas, como se a floresta influenciasse na libido e nos corpos dos sujeitos. Dois exemplos aparecem em diferentes passagens do romance. O primeiro seria o de que as mulheres ganhavam corpo e sensualidade mais cedo do que em outros lugares,

En la Amazonía las mujeres envejecen prematuramente, no siendo raro toparse en la calle con damitas de apariencia muy seductora, caderas desarrolladas, bustos turgentes y caminar insinuante, a las que, según los standards costeños, se atribuirían veinte o veintidós años y resultan de trece o catorce (LLOSA, s/d, p. 18).

O segundo exemplo diz respeito aos homens, o que seria um dos motivos para a criação do serviço de visitadoras por parte do exército peruano, “la selva vuelve a los hombres unos fosforitos” (LLOSA, s/d, p. 28). Nesse sentido, o romance apresenta, para, ao final da narrativa, desconstruí-lo, o velho mito segundo o qual a floresta devolveria ao ser humano um desejo sexual supostamente animalesco.

Apesar de desconstruir alguns mitos discursivos comuns à região amazônica, no que diz respeito às diferenciações nacionais que atravessam essa transnacionalidade, no romance de Llosa tem-se, ao lado do mito sobre a relação entre sexualidade e floresta amazônica, o mito da sexualidade brasileira, que parece se sobressair nesse cenário amazônico. Uma das personagens principais, Olga Arellano Rosaura, destacada pela beleza e sensualidade, é, mesmo sendo nativa de Iquitos, apodada de “*brasileña*”, após viver por anos em Manaus, onde teria se aprimorado na arte da prostituição, destacando-se, assim, entre as visitadoras de Pantaleón. Uma carta de uma prostituta que havia sido afastada do serviço de visitadora por Pantaleón, para a esposa deste, deixa evidente o mito que pesa sobre a sexualidade que se ligaria à personalidade das brasileiras:

¿A él no se le cae la baba cuando la Brasileña le hace sus mañoserías? Cuídate, señora, esa mujer es mala, ha vivido en Manaos y las putas de allá son bandidas, seguro le estará dando cocimiento a tu marido para tenerlo embrujado y aquí, en un puño (LLOSA, s/d, p. 74).

Nesse sentido, se por um lado é possível perceber os processos identificatórios comuns aos amazônidas, por outro, os imaginários construídos historicamente sobre nações trazem diferenças que interferem na relação entre os amazônidas. Criam-se, assim, em alguns momentos, tensionamentos. No conto *Uma estrangeira da nossa rua*, de Milton Hatoum, também estão presentes essas aproximações e distanciamentos identificatórios: “Eu pensava que Alba, a mãe, fosse amazonense, pois suas feições indígenas eram familiares; mas a manicure de tia Mira contou que Alba era peruana, e só depois entendi que a língua, e não a nacionalidade nos define” (HATOUM, 2009, p. 16).

Essas identificações nacionais aparecem também no romance *Pssica* (2015), quando o dono do garimpo, suspeitando que Preá está interessado em sua mulher, lhe agride física e verbalmente, numa mistura de português, *créole* e francês:

*Blanc de merde*, tu sabes que eu não gosto de ti, né? *Sano uai to mo já colè*<sup>3</sup>. E eu acho que tu anda espichando muito o olho pra aquela preta ali, né? Me diz. É ou não é? (...) *Répoun salope*<sup>4</sup>! Dá-lhe um tapa na cabeça. A sopa voa. Preá suporta. *Brésélien de merde* (AUGUSTO, 2015, p. 77).

---

<sup>3</sup> Só de te ver me dá uma raiva.

<sup>4</sup> Responde, filho da puta!

No xingamento francês “Brésélien de merde” temos explícitas mais uma vez as diferenças nacionais a partir de uma visão hierarquizante em relação ao outro, que está no garimpo do território francês de maneira ilegal.

## CONCLUSÃO

Pelo exposto acima, é possível perceber que o projeto de uma Literatura brasileira de expressão amazônica como forma de escape a um regionalismo estereotipado e como proposta de inserção na produção literária nacional, embora sendo uma boa saída estética, tem como obstáculo o fato de as vozes que construíram a Amazônia discursivamente, inclusive no campo literário, extrapolarem o recorte nacional do Brasil. Por outro lado, a Literatura da Amazônia como recorte geocultural proposto por Fernandes, possui elementos identificatórios complexos, móveis e fragmentários, que transcendem a nacionalidade e que implicam relações de identificação, tensionamento e distanciamento. Assim, estão implicados multiculturalismos agonísticos, questões ligadas ao problema da língua e construções discursivas sobre a Amazônia.

O que se tentou mostrar é que a Literatura da Amazônia como causa e origem tem como motivo uma região, mas que é não nacional, e sim planetária, com produções de diferentes criadores de diversos lugares, com diferentes discursos. Desse modo, se por um lado a preocupação com o regionalismo rebatido tem seu sentido como valor estético, talvez o caminho de distanciamento desse problema não implique exclusivamente uma ligação com um cânone nacional brasileiro. Nesse sentido, o método borgeano que propõe leituras anacrônicas, e que o autor apresenta como sendo da personagem Pierre Mernard, serviria como possibilidade de atualização de uma tradição literária ligada à Amazônia, por meio de um infinito diálogo de vozes de diferentes línguas e nacionalidades.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Edyr. **Pssica**. São Paulo: Boitempo, 2015.

BORGES, Jorge Luis. **Nova antologia pessoal**. Trad. Maria Julieta Graña, Marly de Oliveira Moreira. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Trad. Davi Arriguucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUENO, Luís. Depois do fim: ainda a história de literatura nacional? *In: Matranga*, Rio de Janeiro, v.19 n.31, jul./dez. 2012.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido**: reunião de ensaios amazônicos. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009.

FERNANDES, José Guilherme. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica. *In: Graphos* Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB João Pessoa, Vol 6., N. 2/1, 2004 – p. 111-116.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos**: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. 315 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GRENAND, Françoise. Hommes et Langue en Guyane Française: une situation linguistique complexe. *In: Langues et Cité - Les langues en Guyane* - Mai 2004 n° 3 ISSN em ligne 1955-2440 . pp. 02-05.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LLOSA, Mario Vargas. **Pantaleón y las visitadoras**. [www.librodot.com](http://www.librodot.com). Acesso em: 10 janeiro. 2021.

NUNES, Paulo. **“Literatura paraense existe?”** Disponível em: <http://escritoresap.blogspot.com/2008/01/artigo-do-professor-paulonunes.html>. Acesso em 23 mar. 2021.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio**: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

REIS, Roberto. Cânon. *In*. JOBIN, José Luiz (org). **Palavras da Crítica**. Tendências e conceitos no estudo da Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.



---

RIBEIRO, de Campos José Sampaio. *Gostosa Belém de Outrora*. Belém: SECULT, 2005.

Ropre Kwykykre Kwykti Homprynti. **Pyt mẽ Kaxêre**: criação, história e resistência Kÿikatêjê. In: COSTA, Lucivaldo Silva; BARBOZA, Tereza (Org) Cametá (TO): Editora do Campus do Tocantins/Cametá, 2018.

SEPÚLVEDA, Luis. **Un Viejo que leía novelas de amor**. Barcelona: Ed. Tusquets, 1989.